
TRADUÇÕES E INCORPORAÇÕES: MÉTODOS DE HISTÓRIA E ANTROPOLOGIA NA
HISTORIOGRAFIA SOBRE O KONGO

TRANSLATION AND DIALOGUE: HISTORY METHODS AND ANTROPOLOGY IN
HISTORIOGRAPHY OF KONGO. HISTORIOGRAPHY - KONGO

Thiago Clemêncio Sapede²¹⁰

Resumo: Este artigo pretende analisar como diferentes opções metodológicas, sobretudo com relação à influência dos métodos e materiais da antropologia, se manifestam nos principais trabalhos historiográficos sobre o Kongo, resultando em interpretações históricas particulares. Esta pluralidade de estratégias metodológicas e abordagens epistemológicas demonstram o caráter essencial e profícuo dos debates sobre os processos históricos no seio da sociedade kongolesa, evidenciando as contribuições da historiografia africanista para inovação da disciplina histórica como um todo.

Palavras chave: Historiografia, Antropologia, Congo, Sociedade Congolesa

Abstract: This paper seeks to analyze how the different methodological approaches (dealing with the influence of anthropology) manifests in the historiography about the kingdom of Kongo, resulting in different and specific historical interpretations. This diversity of methodologies and epistemological approaches show the important contributions of the historiographical debates of the cultural encounters taken place in Kongo and show the contribution of African history and its methodology for general history.

Key words: Historiography, Antropology, Kongo, Kongolese society

Os estudos de História da África tem posto em lugar de centralidade há algum tempo a questão da alteridade e dos contatos culturais. A África centro-ocidental, a partir do século XV foi palco de intensa relação entre europeus, que aportavam na costa atlântica africana com o intuito de expandir seus domínios comerciais e religiosos, e as diferentes sociedades ali estabelecidas. Como consequência destes, nasceu um significativo corpus documental de autoria europeia. Os registros escritos diante da experiência de contato tornaram-se o principal material para a investigação histórica das sociedades africanas em períodos antecedentes ao colonialismo.

²¹⁰ Mestre em História Social pela FFLCH-USP, especialista em Estudos Afro-Americanos pela Universidade de Boston. Membro do Núcleo de África, Colonialidade e Cultura Política (NEACP-DH-USP) e editor da revista *Sankofa: história da África e Estudos da Diáspora Africana*.

O desafio de reconstruir o passado de sociedades e indivíduos apresentados em uma chave da alteridade (na forma de “outros”) é constitutivo desde a fundação deste domínio de estudos. Devido às características deste desafio primário diante das fontes e a significativa influência da antropologia e etnologia, nascidas elas próprias no seio da dominação colonial europeia sobre “outros” povos (assim como no contexto da diáspora americana), os historiadores africanistas passaram a enxergar a questão das dinâmicas de contato entre europeus e não europeus como tema central aos seus estudos.

Nesse sentido, os estudos da história do reino do Kongo são exemplos bastante emblemáticos. A presença europeia no interior do território kongo foi constante desde as décadas finais do século XV ao XIX, principalmente de missionários portugueses e italianos, que trabalharam na capital *Mbanza Kongo*, assim como nas vilas e aldeias no interior. No Kongo, mais do que em outros locais da África, ocorreu incorporação e ressignificação de elementos religiosos originalmente cristãos dentro das lógicas locais, com importância chave para a legitimação do poder de parte da elite política.

O catolicismo transformou e serviu à transformação (em alguns casos à manutenção) da organização política e religiosa. A característica particular da presença de missionários europeus no Kongo, fomentada por elites africanas e europeias (de acordo com interesses próprios), legou-nos um significativo corpus documental na forma de relatórios de missão, escritos em sua maioria pelos missionários europeus e reportados para autoridades religiosas, comerciais e militares europeias.

Frente ao desafio da interpretação histórica de uma sociedade africana através das fontes (majoritariamente) europeias, estudiosos da história do Kongo assumiram diferentes posturas teórico-metodológicas. Neste artigo, debateremos as principais interpretações sobre a história do Kongo, que tratam do século XV ao século XVII, que nos mostrará diferentes possibilidades metodológicas para driblar interpretações eurocêntricas sobre o Kongo. Pretendo observar como a influência da antropologia se manifesta de maneiras diferentes nos trabalhos que serão discutidos, resultando em interpretações históricas particulares. Esta pluralidade de estratégias metodológicas e abordagens epistemológicas demonstram o caráter essencial e profícuo dos debates sobre os encontros de culturas no seio da sociedade kongoleza, evidenciando as contribuições da historiografia africanista para inovação da disciplina histórica como um todo.

Discutiremos os principais autores em três partes. Na primeira delas, trataremos de dois dos principais antropólogos que estudaram o Kongo: Georges Balandier e Wyatt MacGaffey, sobretudo o último deles. Na segunda parte discutirei duas, dentre outros estudiosos, mais receptivas quanto às influências antropológicas: Anne Hilton e Marina de Mello e Souza. Na terceira parte discutirei as ideias daquele que é tido como principal estudioso da história do reino do Kongo: John Thornton, que assume

uma posição diferente dos anteriores no tocante à metodologia.

Trabalhos antropológicos

O antropólogo francês Georges Balandier foi um dos pioneiros autores a empreender um estudo da história do reino do Kongo. Seu trabalho “Vie quotidienne au royaume du Kongo”²¹¹ foi publicado em 1965, período no qual grandes compilações documentais já circulavam.²¹² Nesse trabalho, Balandier tem como objeto a história do reino do Kongo desde os primeiros contatos com os portugueses, no fim do século XV, até sua suposta derrocada, datada pelo autor da segunda metade do século XVII.

O antropólogo propõe-se a utilizar uma metodologia diferenciada para a leitura documental, apresentando uma postura abundantemente crítica em relação aos métodos utilizados por historiadores que o precederam.²¹³ O autor crê que a vasta documentação missionária disponível sobre o Kongo tem valor relativo, por ser repleta de preconceitos, distorções e interesses europeus que maquiariam uma suposta “verdade” que, aos olhos do autor, apenas seria acessível pela via africana não documentada. Por este motivo, defende que aqueles que utilizam apenas fontes de época para realizar o trabalho histórico teriam caído inevitavelmente (e de forma ingênua) na armadilha de reproduzir olhar europeu sobre os africanos.

A alternativa metodológica encontrada por Balandier para fugir da dita armadilha é o uso de fontes etnológicas contemporâneas sobre os povos de língua quikongo, descendentes dos habitantes do antigo reino: “Um verdadeiro processo de tradução [das fontes], guiado pelo conhecimento sociológico e etnológico, é muitas vezes necessário; não apenas necessário como frutífero.”²¹⁴ Para Balandier, mais do que complementar às fontes históricas, o trabalho sociológico contemporâneo deve guiar a “tradução” diante dos instrumentos das etnologias contemporâneas sobre os povos bakongo.

Balandier justifica seu método de utilizar documentação atual para “traduzir” fontes históricas por um pressuposto de fixidez, que permite aproximar os atuais dos antigos habitantes do reino do

²¹¹ BALANDIER, G. *Daily life in the Kingdom of Kongo*. Meridian books. NY, 1969, p. 49-64.

²¹² Cita publicações de fontes de 1877 Levy Maria Jordão e Paiva Manso trabalho continuado por Albuquerque Felner em 1933; Pe Antonio Brasio: *Monumenta Missionária Africana* 1953-54 (principal delas e pouco citada por Balandier); Couvelier em colaboração com Louis Jadin publicou um enorme grupo de documentos em 1954: *L'Ancien Kongo d'après les archives romaines(1518-1640)*.

²¹³ Seus principais antecessores foram VAN WING, Joseph: *Études Bakongo*. Bruxelas, 1921. CUVELIER, Jean: *L'Ancien Royaume de Kongo*, Bruxelas, 1946. e Randles, W.G.L: *L'Ancien royaume du Kongo*. 1968.

²¹⁴ Tradução minha. BALANDIER, G. *Daily life in the Kingdom of Kongo*. , p.49

Kongo. Na opinião do antropólogo, a organização das estruturas sociais, o vocabulário da realeza, organização dos clãs, organização da vida material e do trabalho pertenceriam, segundo ele, a uma estrutura que se manteve basicamente estática desde o século XV.

A obra de Balandier é marcada por uma visão incisiva sobre os significados da cristianização no Kongo, sintomática de sua opção metodológica. Para o autor, o rei cristão D. Afonso I Mvemba a Nzinga foi um grande estrategista e “modernista”. Afonso teria utilizado a religião europeia unicamente como uma estratégia de conquista de poder e legitimidade política, que não teria pelos meios tradicionais. Desta forma, o rei do Kongo buscou transformar a tradição política e aglutinar grande poder em suas mãos utilizando os elementos apresentados pelos portugueses nos primeiros contatos. Balandier não acredita que a estratégia afonsina tenha sido vitoriosa. Para ele, com o fim do seu longo reinado acabou também o “casamento falso” entre cristianismo e a realeza no Kongo.

No que tange o esforço historiográfico do autor pode-se afirmar que o trabalho de Balandier apresenta muitos problemas do ponto de vista da seleção das fontes e da metodologia, em si fundada em um anacronismo. Ele prioriza absolutamente seu trabalho empírico de campo entre os bakongo e invalida fontes históricas, acusando-as de mentir e oferecer uma visão parcial e preconceituosa dos africanos. Ao invés de realizar a crítica das fontes ele opta por ignorar aquelas que não corroboram sua tese, impossibilitando a percepção dos processos de transformações (processos históricos) e ressignificações de elementos de diferentes origens dentro da lógica kongolesa, pois seu olhar se encontra sempre preso a uma suposta tradição imutável.

O antropólogo Wyatt MacGaffey é responsável pelo trabalho de antropologia mais importante sobre os bakongo do século XX, publicou seus primeiros trabalhos na década de 1970, dentre eles “Religion and Society in Central Africa”²¹⁵, assim como dezenas de importantes artigos e alguns livros. MacGaffey realiza estudos em antropologia da religião, para os quais sua ferramenta privilegiada é a cosmologia bakongo. Este autor também fez incursões (bastante modestas) à história do antigo reino do Kongo. Seu olhar cosmológico viria a influenciar muitos outros autores posteriores, muitos deles historiadores.

MacGaffey define cosmologia como o corpo de representações coletivas do mundo, ordenando o espaço, o tempo e o lugar do homem. Esse conjunto de normas simbólicas é inconsciente para os seus detentores, por isso suas “regras” não podem ser percebidas internamente. O autor critica a visão

²¹⁵ MACGAFFEY, Wyatt. *Religion and society in Central Africa: The Bakongo of the lower Zaire*. Chicago. Chicago Univ. Press. 1986. Seu primeiro trabalho e o de maior impacto foi *Custom and Government in the Lower Kongo*. Berkley, University of California press, 1970. Também: *Religious Commissions of the Bakongo*. *Africa*. Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland, V 5, no1. 1970, p.27-38.

anterior que Geertz ofereceu sobre cosmologia: restrita a um “sistema cultural”. Para MacGaffey a cosmologia vai muito além, pois rege toda a organização social, política e econômica das respectivas sociedades.²¹⁶

O conceito de “inconsciente” de MacGaffey vem de uma tradição antropológica fundada por Claude Levi-Strauss²¹⁷ em meados do século XX e foi inicialmente elaborada baseada no conceito de inconsciente da linguística, que evidentemente difere da definição freudiana.²¹⁸ As estruturas elementares do parentesco, para Levi-Strauss, e a cosmologia, para MacGaffey, regem todos os âmbitos da vida social, operando da mesma maneira com que um sistema linguístico organiza a comunicação. Para o estruturalismo linguístico, que teve como pioneiro Saussure, a comunicação entre pessoas que compartilham um mesmo idioma se dá naturalmente, sem que as regras estruturais da língua sejam percebidas. Essas regras, porém, determinam os limites e possibilidades, organizando o pensamento e a comunicação entre membros desse mesmo grupo. Segundo o autor, é assim que a cosmologia opera na sociedade, por isso o estudo do sistema religioso kongo (a cosmologia não se limita a um sistema religioso) é essencial para a compreensão de todo e qualquer nível da vida social, política ou econômica. Ele chama atenção para o fato de que a separação dos papéis: política-Estado, religião-Igreja, economia-mercado é uma separação ocidental capitalista, não é uma separação lógica e não vale para as sociedades africanas em geral.²¹⁹

Apesar desta influência teórica estruturalista, MacGaffey, ao contrário de Balandier, assume possibilidades de mudanças internas e externas neste sistema cosmológico. Nos séculos XVI e XVII, por exemplo, observou a importância do culto de espíritos locais formando uma única hierarquia coexistente com a estrutura política do Kongo. Já nos séculos XVIII e XIX essa hierarquia rígida se quebra em cultos locais de menor escala. Apesar da função desses cultos continuar semelhante, a organização hierárquica se fragmenta, o que tem relação intrínseca com a fragmentação do sistema político centralizado e das linhagens.

Em sua interpretação do papel dos elementos cristão no Kongo o antropólogo o compreende pela relação entre duas estruturas cosmológicas: portuguesa cristã e “bakongo”. No seu entender, a

²¹⁶ _____, Wyatt. *Religion and society in lower Zaire*, p 18.

²¹⁷ LEVI-STRAUSS, Claude. *As estruturas elementares do parentesco*. Petrópolis, Vozes, 1982 e Levi-Strauss, Claude. *O pensamento Selvagem*. São Paulo, Papirus, 2008, neste o autor determina com mais clareza as estruturas subconscientes como organizadoras da vida social dos indígenas brasileiros.

²¹⁸ Sobretudo o trabalho pioneiro de SAUSSURE, Ferdinand: *Cours de linguistique générale*. Paris, Payo, 1916.

²¹⁹ MACGAFFEY, Wyatt. *Religion and society in lower Zaire*, p 25-49.

aceitação do batismo pelos membros da elite kongo se deu por “traduções” e “leituras” dos elementos cristãos pela tradição africana. O retorno dos reféns kongoleses em 1485, que foram capturados na costa anos antes e levados para Lisboa, segundo MacGaffey, foi o evento marcante para a aceitação do cristianismo, uma vez que representou um rito de passagem para um universo novo, cujo acesso podia oferecer o alargamento do poder das elites kongolesas.²²⁰

O entendimento bakongo do além-mar como uma esfera separada se justifica pela arquitetura básica da sua cosmologia, que o antropólogo definiu pela experiência empírica nas regiões contemporâneas de língua kikongo. Ela se constitui pela divisão entre dois mundos, representados por duas montanhas: a dos vivos e a dos mortos, separadas pela base por água (*kalunga*). Os kongoleses do século XVI teriam identificado os brancos vindos do mar como habitantes do mundo dos mortos e por isso o retorno dos reféns teria sido uma excepcional iniciação, que abriria um novo canal de comunicação entre as elites kongolesas e as poderosas forças dessa esfera.

MacGaffey definiu essa relação entre as cosmologias bakongo e cristã como a “institucionalização de um mal entendido”, uma vez que a tradução dos elementos católicos pela cosmologia africana fez com que esse contato fosse eficaz, mesmo que estabelecido por falsos pressupostos. Ao mesmo tempo, os missionários responsáveis pela evangelização compreendiam a conversão ocorrida dentro dos padrões religiosos católicos. O batismo nessa ótica possuía um significado de purificação e aceitação completa da nova e verdadeira fé, por isso, o mal entendido seria mútuo, como uma tradução que mesmo mal feita possibilitou a comunicação. Um “diálogo de surdos” que mediou as relações entre as culturas africana e europeia no reino do Kongo durante séculos.²²¹

As ideias de MacGaffey não repercutiram com muito sucesso entre os antropólogos africanistas em geral, mas causaram grande impacto nos trabalhos dos principais historiadores especialistas no Kongo. Em meados dos anos de 1970 e 80, enquanto o antropólogo publicava seus trabalhos, os principais estudiosos do Kongo iniciavam suas pesquisas e foram bastante influenciados por ele. Com a exceção de John Thornton, que discutiremos mais tarde, os historiadores se utilizaram do vocabulário cosmológico de MacGaffey como suporte do trabalho com as fontes, o que demonstra a importância de sua influência para os rumos dos trabalhos de história do Kongo. No campo metodológico, observaremos como essa influência se deu e como dividiu a historiografia.

²²⁰ _____, Wyatt. *Religion and society in lower Zaire*, p 199.

²²¹ _____, Wyatt. Dialogues of the deaf: Europeans on the Atlantic coast of Africa. In: Schwatz, S. *Implicit Understandings. Observing, reporting, and reflecting on the encounters between Europeans and other peoples in the Early modern era*. Cambridge, Cambridge Univ. press, 1996, p. 260. Esse artigo de MacGaffey traduz bem sua concepção de cristianismo, mas não é o primeiro, ideias semelhantes foram formuladas em trabalhos anteriores já citados.

História e Cosmologia

O livro da historiadora inglesa Anne Hilton, publicado nos anos 1980, é um exemplo de trabalho histórico muito influenciado pelo vocabulário antropológico de MacGaffey. Hilton escreveu uma espécie de História geral do Kongo nos séculos XVI e XVII. O primeiro capítulo de seu livro já demonstra claramente sua opção metodológica, que perpassaria todo o livro. Descreve o Kongo em termos gerais, em sua geografia, organização social, econômica e religiosa.

No tocante à religião, Hilton utiliza como “arquitetura simbólica” básica a abordagem cosmológica de MacGaffey. Descreve a visão de mundo bipartido em dois mundos que possuem relação simétrica entre si, sendo divididos pela base pela *kalunga* (um grande rio). Hilton enfatiza os diferentes tipos de forças invisíveis: aquelas originárias de outra esfera e manifestas na natureza (*mbumba*), a do mundo dos mortos, as de *nkadi mpemba*, os espíritos locais, entre outros. Também resume as maneiras de manifestação dessas forças através de *minkisi*, *nganga(s)*, *Mani(s)*, *kindoki*, *kitomi* e de elementos da própria natureza, além de dar grande destaque aos ritos funerários e à atuação dos mortos e ancestrais na vida social.²²²

Pode-se afirmar que Hilton faz uma compilação cosmológica, organizando em poucas páginas o extenso trabalho de MacGaffey e de “self-ethnographers” como Fu-Kiau Bunseki. O trabalho de Fu-Kiau tornou-se importante por ter oferecido uma representação gráfica da cosmologia básica kongolesa: o “cosmograma bakongo”.²²³ Hilton apresenta o mapa cosmológico proposto por Fu-Kiau para expor de maneira gráfica a organização simbólica kongolesa do mundo, ponto de partida para a leitura e crítica da documentação de época.

Uma das características que faz o trabalho de Hilton particular é a maneira como agrega o instrumental antropológico na pesquisa empírica das fontes. Um exemplo sintomático desta abordagem em seu trabalho é a narrativa dos primeiros contatos entre portugueses e a elite kongolesa em Soyo e o posterior batismo do Mani Kongo. Utilizando testemunhos dos europeus sobre os primeiros encontros para construir sua narrativa, a autora busca reconstituir os fatos através da perspectiva kongolesa, utilizando a cosmologia de Macgaffey para inferir qual teriam sido as opiniões e sentimentos não documentados dos africanos diante os lusitanos. Estas inferências, que possibilitaram a virada

²²² HILTON, Anne. *The kingdom of Kongo*. Oxford, Oxford University Press, 1985, p. 28. A arquitetura cosmológica básica foi retirada do trabalho de MacGaffey, porém a divisão mais radical entre forças da natureza e mundo dos mortos foram conclusões da própria autora (que argumentou também pela existência da enigmática dimensão *nkadi Mpemba*) baseada na leitura das fontes sob influência da cosmologia MacGaffiana.

²²³ FU-KIAU, Kia Bunseki-Lumanisa. *N'kongo Ye Nza Yakun'zingidila, Nza Kongo. Le Mukongo et Le Monde qui l'entourait*. Cosmogonie-Kongo. Office National de La Recherche et Developpement. Kinshasa. 1979.

narrativa proposta pela autora, apenas pode ocorrer uma vez que lançou mão do material cosmológico dos bakongo contemporâneos, sem os quais sua interessante narrativa teria ares exclusivamente literários.

Ao tratar da incorporação de elementos católicos no Kongo, Hilton também faz uso de semelhante metodologia. Ela busca definir, de acordo com o mapa cosmológico de Fu-Kiau, o local exato ocupado pelos ritos católicos para o sistema mental kongo, concluindo que o cristianismo no Kongo nos séculos XVI e XVII era quase exclusivamente relacionado à dimensão do mundo dos mortos. Segundo a autora, os padres (*ngangas*) católicos teriam tido sua importância central na mediação entre os vivos e os ancestrais, sua atuação ritual era quase exclusiva em rituais fúnebres; as igrejas, por sua vez, teriam sido locais de mediação entre os vivos e os mortos (assim como os tradicionais túmulos e rios).

Hilton apresenta evidências em documentação missionária da construção de igrejas por diferentes reis do Kongo para abrigar seus túmulos após a passagem para o outro mundo. Os santos padroeiros dessas igrejas seriam, para ela, os agentes privilegiados dessa mediação, na medida em que cada soberano escolheria um santo de acordo com sua linhagem patrilinear, e esses teriam funções específicas de proteção e assegurariam uma boa relação dos chefes com sua ancestralidade.²²⁴

Além dos reis, os “mwissikongo”(nome que a autora utiliza para definir genericamente membros da elite política do Kongo) seriam os beneficiários principais dessa relação privilegiada com o mundo dos mortos via ritos católicos. Hilton não parece acreditar que até meados do século XVII o cristianismo tenha atingido significativamente camadas mais baixas da população. Apesar disso, ela admite uma exceção a essa regra no que diz respeito aos artefatos religiosos. Cruzes, água benta, saís, imagens da virgem, rosários, entre outros, eram *minkisi* comuns entre a população kongolesa, que os carregavam como amuletos de proteção contra a ação de *kindoki* (feiticeiros), com o objetivo de neutralizar doenças e malefícios cotidianos. A historiadora admite a importância dos artefatos isolados como elementos incorporados à cosmologia religiosa popular, mesmo entendendo que não causaram mudanças significativas nessas estruturas.

Hilton admite outra exceção à relação direta de ritos católicos com os ancestrais mortos: o culto à Virgem, que teria alcance popular. O poder da Madona estaria relacionado com a fertilidade das terras e das mulheres, o que em geral não diz respeito ao mundo dos mortos e sim ao que cunhou de “esfera *mbumba*” (forças da natureza). Nesse caso um elemento introduzido pelo cristianismo escapa à

²²⁴ HILTON, Anne. *The Kingdom of Kongo*, p. 51-67.

relação com a ancestralidade e a exclusividade dos mwissikongo. A Virgem também era interpretada como uma chefe auxiliar ao grande chefe Kristu Mfumu (Jesus Cristo). Hilton introduz a importante exceção da Madona, argumentando que no final do século XVII e início do XVIII houve uma mudança do significado simbólico desses elementos cristãos incorporados. De acordo com a autora, com o enfraquecimento do Mani Kongo, dos mwissikongo e a desorganização do sistema de linhagens, os elementos cristãos teria se tornado cada vez mais associados às forças da natureza (*mbumba*), ocorrendo desta maneira maior popularização do cristianismo entre as camadas mais baixas da população, que tinham mais acesso às forças manifestas na natureza. Essa demanda de incluir o culto mariano no esquema histórico-cosmológico que criou é claramente uma demanda da documentação missionária, que cita constantemente, sobretudo no século XVIII, formas locais de culto à virgem. Isso nos demonstra vocação historiográfica de seu trabalho e a delimitação do instrumental antropológico a um instrumento auxiliar para leitura das fontes.²²⁵

Um exemplo contemporâneo de estudo histórico que segue a mesma tendência “cosmológica” de Anne Hilton é o trabalho de Marina de Mello e Souza sobre os crucifixos produzidos no Kongo, por meio dos quais a autora debate a incorporação e ressignificação dos símbolos católicos pela lógica mental kongolesa. Houve no Kongo, a partir de meados do século XVII e principalmente no XVIII a intensa produção de amuletos de bronze com a imagem de Jesus crucificado, os nkangi kiditu em quikongo. Apesar de seguirem um padrão imagético da tradição católica, estes objetos apresentavam também diversas características estéticas típicas da tradição kongolesa. Na busca de desvendar tais documentos tão instigantes a historiadora recorreu aos trabalhos de cosmologia de MacGaffey e Fu-Kiau, como ferramentas de interpretação dos significados que os objetos poderiam assumir para seus produtores e portadores.²²⁶

²²⁵ _____. *Kingdom of Kongo*, p 36. O culto à Virgem Maria é muito recorrente nos relatórios do século XVIII de Raimundo de Dicomano e Rafael Castelo de vide, neste ultimo fica claro também o grande valor que as imagens da santa possuem entre os kongoleses de todos os extratos sociais: Rafael de Castello de Vide, *Viagem ao reino do Kongo*. BRÁSIO, *Informação do Reino do Kongo de Frei Raimundo de Dicomano*. Revista *Studia XXXIV*. Lisboa. 1972. 19- 42. Utilizei a tradução do documento original feita por Arlindo Correa, que é posterior e corrige alguns lapsos cometidos por Brásio, com base no documento original, simultaneamente publicado: CORREA, Arlindo. *Informação o reino do Kongo por Raimundo Dicomano (1798)*. 2008. Publicado eletronicamente em: <http://www.arlindo-correia.com/101208.html>. Simultaneamente como o texto original em italiano: CORREA, Arlindo. *Informazione sul regno del Kongo di Fra Raimondo da Dicomano (1798)*. 2008. Publicado eletronicamente em: <http://www.arlindo-correia.com/121208.html>

²²⁶ SOUZA, Marina de Mello e. Central Africans crucifixes. A study of symbolic translations. In: Jay A. Levenson. (Org.). *Encompassing the Globe. Portugal and the World in the 16th and 17th Centuries. Essays*. Washington DC, Smithsonian Institution, 2007, p. 97-100.

Há na historiografia e principalmente antropologia brasileira uma vertente que trabalha em linha semelhante a “História cosmológica” sobre o Kongo. Seu olhar recai sobre os contatos culturais no contexto das missões católicas na América portuguesa colonial. Esta bibliografia também busca compreender as relações de “mediação cultural” entre duas estruturas religiosas, que se interpretariam mutuamente por seus “ídiomas” culturais originais. Porém, neste contexto, os atores se debruçam sobre populações indígenas americanas e os padres da Cia de Jesus, responsáveis pela suposta

A autora reconta a história da conversão do primeiro Mani Kongo e da elite ligada a ele, destacando o episódio citado pelas narrativas de Rui de Pina que envolvia uma pedra cruciforme, encontrada por um chefe kongo no dia seguinte do seu batismo. Utiliza a interpretação de MacGaffey que definiu um “diálogo de surdos” nas traduções entre cosmologias europeia e kongolesa como regentes do processo de “conversão”. Utiliza também o cosmograma bakongo de Fu-Kiau, no qual o símbolo da cruz está presente no cruzamento entre as linhas que limitam os diferentes planos da existência.

Desta forma, Mello e Souza descreveu a cruz como símbolo da conexão entre os mundos visível e invisível (duas montanhas que dividem a mesma base). Para Fu-Kiau, os quatro pontos da circunferência na qual a cruz está inscrita materializam a comunicação entre os dois mundos, sendo também o caminho percorrido pelo sol, movimento cíclico diário que simboliza o equilíbrio. A partir da exposição do sentido atribuído aos símbolo cruciforme para a tradição bakongo, Marina de Mello e Souza afirma que a cruz seria um símbolo comum entre as cosmologias portuguesa e bakongo, que mesmo possuindo significados diferentes permitia a comunicação via tradução entre sistemas simbólicos diversos. Esse sentido duplo permitiria, segundo a autora, a popularização dos crucifixos no Kongo de maneira natural e desvinculada dos significados originários do catolicismo.

Ambos os trabalhos históricos citados enxergaram o contato cultural numa chave de “traduções”. Ambas as estudiosas buscaram dar sentido dentro de um sistema cosmológico kongo aos símbolos católicos da cultura europeia, explicando desta maneira a aceitação e a penetração de símbolos novos na tradição religiosa africana. A palavra “tradução” é muito sintomática de uma ideia antropológica de cultura, com foco nas relações regidas pela alteridade cultural, na qual as culturas operam como os sistemas linguísticos.

A tradução cultural funcionaria como troca de significado entre dois sistemas paralelos, que não se transformam significativamente durante o contato, pois a leitura de um sistema ao outro é sempre feita a partir do sistema natural, sem colocá-lo em cheque. Além do mais, para aceitar utilizar cosmologias recolhidas contemporaneamente como válidas para o século XVIII ou mesmo XVI, há que se pressupor uma fixidez na longa duração, o que pode ser delicado para um trabalho historiográfico.

Mesmo diante de ressalvas, essa metodologia nos oferece a possibilidade interessante na

salvação das almas do “Novo Mundo”. A ideia de “mediação cultural” ou de “estruturas de mediação” (de Paula Monteiro) privilegia o olhar para as “zonas de contato”, ou seja, os mecanismos pelos quais ocorreriam as traduções mútuas. Esta escola de “antropologia-histórica” também mescla (em sua metodologia) documentação histórica e trabalhos antropológicos mais recentes. MONTEIRO, P. *Deus na Aldeia*. São Paulo, ed. Globo, 2006. e POMPA, C. *Religião como tradução: missionários, Tupi e Tapuia no Brasil colonial*. São Paulo, Edusc, 2003.

tentativa de acesso aos significados especificamente kongolezes de símbolos e ritos de origem católica, exercício limitado (e árduo) para a metodologia que trabalha apenas com as fontes escritas europeias. Nota-se, além disso, um cuidado historiográfico e respeito às especificidades temporais significativamente maiores em relação ao posicionamento radical de Balandier, segundo o qual as etnologias seriam portadoras de “verdades” capazes de filtrar fontes históricas de seu eurocentrismo.

Similitudes e incorporação

Se a base da interpretação nos trabalhos de História citados anteriormente são cosmologia e as traduções culturais; o viés de John Thornton se difere destes, ancorando sua metodologia em similitudes e incorporação. Thornton é considerado o maior especialista atual na história do reino do Kongo, com numerosos trabalhos publicados e extensa pesquisa documental realizada nas últimas três décadas.²²⁷ O seu trabalho é particular em relação aos demais, sob diversos aspectos, mas focaremos na questão metodológica e na significativa diferença no que tange os objetivos, metodologia e os resultados interpretativos. Particularidades que, segundo nosso argumento, são fruto da atitude diferenciada de Thornton diante do instrumental antropológico para a realização do trabalho historiográfico.

Primeiramente, é importante observarmos que o olhar de Thornton direciona-se, sobretudo, ao produto do contato entre culturas e não no processo em si. Ou seja, as traduções de ambas as partes, que possibilitaram o contato são secundárias em seu trabalho diante do resultado do contato, que para ele é a formação de uma cultura híbrida católica kongoleza, crioula ou afro-cristã (como definiu em trabalho recente). O campo religioso é um objeto que privilegiamos em nossa discussão, portanto, discutiremos a ideia de Thornton sobre a formação de um cristianismo kongo como eixo para o debate mais amplo. Tratarei de sua ideia, presente em obras mais antigas, de formação de uma igreja católica africana no Kongo, em seguida debateremos o recente uso do conceito de “crioulização”.²²⁸

O autor possui uma tese marcante e polêmica, no aspecto religioso, sobre a história do Kongo, tendo sido o primeiro a defender que houve uma conversão “de fato” dos kongolezes ao cristianismo,

²²⁷ THORNTON, John. *The Kingdom of Kongo; e The Kongolese Saint Anthony. Dona Beatriz Kimpa Vita and the Antonian movement, 1984-1706*. Cambridge, Cambridge Univ. Press, 1998. Além de importantes artigos mais sintéticos sobre cristianismo no Kongo, destaca-se Religious and ceremonial life in Kongo and Mbundo areas. 1500-1700. In *Central Africans and Cultural Transformations in the American Diaspora*. Heywood, Linda (org). Cambridge, Cambridge Univ. press, 2002. Seu trabalho mais recente é Heywood, L e Thornton J. *Central African Creoles and the Foundation of the Americas, 1585-1660*. Cambridge, Cambridge Univ Press, 2007. *Transformations in the American Diaspora*. Org Linda Heywood. Cambridge, Cambridge Univ press, 2002.

²²⁸ Heywood, L e Thornton J. *Central African Creoles and The Foundation of the Americas*. 2007.

processo sobre o qual as elites do Kongo tiveram papel ativo, que resultou num tipo particular de prática cristã e na formação de uma igreja católica institucionalizada no reino do Kongo.²²⁹ Ele flexibiliza as tradicionais noções estruturais, admitindo a possibilidade da incorporação ativa de um novo sistema religioso pelos africanos, feita por iniciativa própria e dentro da lógica particular dessa sociedade. A compatibilização do cristianismo ao “sistema religioso tradicional” foi feita, segundo Thornton, através de um “sistema de co-revelações”. Ambos os sistemas religiosos, kongo e católico, tinham na revelação um elemento essencial de seu funcionamento e o diálogo foi possibilitado pelo compartilhamento de algumas delas. Primeiramente, um conjunto de sinais (sonhos de chefes e o encontro de uma pedra em forma de cruz) recebidos pelas elites governantes teria comprovado a legitimidade e poder dos novos símbolos trazidos pelos portugueses. A revelação decisiva ocorreria alguns anos após o batismo do Mani Kongo Nzinga a Nkuwu, em um contexto de disputas internas sucessórias entre os filhos deste rei, que discordavam sobre a aceitação do cristianismo como “religião de estado”.

A vitória do rei cristão D. Afonso Mvemba a Nzinga, através da intervenção divina do apóstolo Tiago teria aberto definitivamente espaço para a validade do catolicismo no Kongo, conforme Thornton.²³⁰ Após as revelações terem aberto caminho a aceitação da nova religião, figuras importantes como D. Afonso I teriam sido essenciais para disseminar e permitir uma apropriação do cristianismo pela população. Este soberano teria impressionado a muitos europeus pela sua dedicação aos estudos bíblicos, exercitado em profundas discussões teológicas com os padres. Como parte da estratégia de tornar o catolicismo uma religião “nacional” enviou seu filho Henrique a Lisboa, que retornou mais tarde como bispo ordenado, atuando no Kongo de 1518 a 1531. Thornton chama atenção para a importância da estrutura educacional, com escolas de gramática e religião para jovens das elites kongolesas, ensinadas por professores locais, que foram mantidas no reinado de seu sucessor Diogo I.

Além das revelações, Thornton chama atenção para a característica da própria missão como incentivadora do desenvolvimento do catolicismo no Kongo. Os padres iam ao reino como convidados do Mani Kongo e sua sobrevivência dependia do consentimento de seu trabalho dado pelas elites e população local. Isso fez com que essas missões possuíssem um caráter absolutamente diferente da missão colonial nas Américas, marcadas pela problemática do colonialismo e escravidão. Para Thornton a missão no Kongo era “inclusiva” ao invés de “exclusiva”; o que significa que quaisquer

²²⁹ THORNTON, em geral, prioriza a terminologia política “kongolesa” à denominação étnico-linguística “bakongo”; para o autor a unidade política é o fator identitário mais determinante nas sociedades da África centro-ocidental e não o fator linguístico.

²³⁰ _____. The development of an African Catholic Church in the Kingdom of Kongo, 1491-1750. *The Journal of African History*. Cambridge, Cambridge University Press, 1985, p. 147-167.

atitudes que não ferissem drasticamente os preceitos católicos eram aceitas, o que ocorreu em menor grau nas colônias.

Ademais, para traduzir os termos religiosos cristãos os missionários usavam palavras em quikongo: como Nzambi a Mpungu para Deus, moyo para alma e *nkisi* para sagrado. O primeiro catecismo em quikongo foi publicado em 1555 por jesuítas e pareceu, para Thornton, ter tido grande uso no trabalho missionário. Para o autor, essas características permitiram uma aceitação popular e uma compreensão particular do catolicismo pelos kongolezes. Os missionários ensinavam, batizavam e pregavam, mas não possuíam instrumentos de controle da população, uma vez que eles próprios eram submetidos aos reis do Kongo. Portanto, para Thornton, o produto dessa missão não foi a dominação ou imposição de preceitos ortodoxos europeus, e sim o estabelecimento de um cristianismo “nacional” e popular kongo.²³¹

Thornton afirmou que o primeiro meio século de contato com os portugueses e o posterior trabalho de catequese promovido pela elite local foi responsável pela transformação radical da tradição religiosa kongoleza. Em outros termos; os próprios kongolezes, diante do novo repertório europeu, incorporaram diversas “novidades” e voluntariamente transformaram o sistema tradicional em um novo sistema, um sistema sincrético: uma nova linguagem que não exige traduções pois opera com a mesma naturalidade termos europeus e africanos, pois ela mesma teria ganho novo sentido na incorporação.

Essa tese é levada além quando o autor vê no Kongo a gestação de uma cultura “crioula atlântica”, o que aparece em seu livro mais recente, escrito em parceria com a historiadora Linda Heywood.²³² Essa ideia é fundamentada no trabalho do historiador Ira Berlin, que estabelece o espaço atlântico como um espaço de “crioulização”, primeiro momento da gestação da chamada cultura afro-americana. O debate sobre contatos culturais, “crioulização” e origem da cultura afro-americana nos Estados Unidos é bastante polarizado e complexo, e não nos aprofundaremos nele especificamente.²³³

O que se faz relevante às nossas finalidades é o observar que Thornton elenca o Kongo (dentre outros com graus de importância menores) como local privilegiado fundação desta “cultura atlântica crioula”, protagonizada pelos kongolezes, sendo ela anterior ao contexto escravista da

²³¹ _____ . The development of an African Catholic Church in the Kingdom of Kongo, p. 147-167.

²³² Heywood, L e Thornton J. *Central African Creoles and The Foundation of the Americas, 1585-1660*. Cambridge. Cambridge University Press. 2007.

²³³ Para uma análise aprofundada destes debates antropológicos em torno da “cultura afro-americana” ver: MARCUSSI, Alexandre A. *Diagonais do Afeto Teorias do intercâmbio cultural nos estudos da diáspora africana*. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo. 2010.

diáspora.²³⁴

Através da defesa da existência do “catolicismo kongo” que evolui para uma “cultura crioula” o autor defende a existência de um processo de total ressignificação na tradição religiosa e social kongolesa. Esse processo se justificaria a partir da premissa do autor de semelhança entre o universo mental católico e kongo, uma interpretação que fez com base em sua extensa pesquisa historiográfica das fontes missionárias.

Esta ideia das similitudes culturais e dos interesses mútuos como operadores das mudanças históricas aparece em seus primeiros trabalhos, e confrontava a interpretação hegemônica até então (no contexto da descolonização e independências africanas) dos já citados intelectuais que viam a configuração de uma “situação colonial”, mesmo em períodos (ou regiões) em que não havia ocupação e controle efetivo europeu sobre o território, como o caso do Kongo. Ou seja, para estes estudiosos o contato com os portugueses e com o cristianismo teria sido, desde o início, um marco da sociedade kongolesa rumo à situação colonial que viria mais de três séculos mais tarde.²³⁵

Como havia feito Vansina de forma mais panorâmica, Thornton utilizou massivo corpus documental, extraindo deles dados quantitativos, para combater até mesmo a possibilidade dos Portugueses no início da época moderna exercerem qualquer tipo de domínio sobre as elites políticas do Kongo. Ele chama atenção às semelhanças ente Kongo e Portugal, no início do século XVI aos meados do XVII, sob aspectos econômico, demográficos, das técnicas, da organização de poder, entre outros. Segundo tais critérios, o Kongo teria sido equiparável, se não superior a Portugal. Do ponto de vista cultural, a cristianização e a incorporação do vocabulário da realeza portuguesa no sistema político kongo foi uma operação natural, uma vez que os padrões locais da organização social e da hierarquia política eram suficientemente semelhantes a uma sociedade de antigo regime europeia.²³⁶

De acordo com esta linha interpretativa, o Kongo, para um observador europeu, assim como Portugal, para o kongo, teriam sido muito menos exóticos (culturalmente, economicamente e na organização de poder) do que a historiografia e a antropologia anterior assumia. Desta forma, o historiador muda a perspectiva da alteridade para a semelhança, da tradução para incorporação. Movimento que ocorreu e apenas foi possibilitado, em nossa concepção, pela recusa do uso do instrumental antropológico pelo autor.

²³⁴ BERLIN, Ira. *Many Thousands Gone: The First Two Centuries of Slavery in North America*. Cambridge. Harvard University Press, 1998.

²³⁵ 1968, VAN WING: *Études Bakongo*. 1921; CUVÉLIER, Jean: *L'Ancien Royaume de Kongo*. Bruxelas, 1946 e RANGLES: *L'ancien royaume du Kongo*. 1968. BALANDIER, G. *Daily life in the Kingdom of Kongo*. 1969.

²³⁶ THORNTON, J. K. Early Kongo Portuguese relations: a new interpretation. *History in Africa*. V 8. New Jersey. African Studies Association, 1981, p.183-204.

Trazendo à tona a discussão anterior sobre o uso do material antropológico (principalmente dos estudos de MacGaffey) para os estudos históricos dos contatos entre culturas, podemos apresentar os termos “tradução” e “crioulização” como conceitos distintos. As traduções simplesmente tornam inteligíveis um determinado elemento, ou um conjunto deles, de um sistema ao outro sem questioná-los de maneira significativa. A “crioulização” implica no nascimento de um novo idioma baseado em dois, ou mais, sistemas linguísticos diferentes, que ao serem diluídos, teriam perdido seus sentidos originais em favor de um novo sistema. Defendemos aqui que resultados tão diferentes foram alcançados pelas tradições historiográficas sobre o reino do Kongo, uma vez que os estudiosos optaram por diferentes atitudes metodológicas frente às fontes.

No processo de um trabalho histórico sobre sociedades africanas do período “pré-colonial”, buscando um estatuto de historicidade, enfrentam-se muitas dificuldades de diferentes naturezas: escassez e unilateralidade das fontes, questões teóricas, metodológicas, entre outras. A historiografia analisada sobre o Kongo, como vimos, respondeu às dificuldades de maneiras particulares entre si e obteve resultados igualmente particulares e frutíferos, trazendo à tona discussões de significativa importância. Desta forma, vem contribuindo para o processo de construção do campo da história africanista e para o ofício do historiador de maneira geral.

Bibliografia

- BALANDIER, G. *Daily life in the Kingdom of Kongo*. Nova Iorque, Meridian books, 1969.
- CUVELIER, Jean *L'Ancien Royaume de Kongo*, Bruxelles, 1946
- _____ *Nkutama amvila za makanda*, Tumba, Kongo, 1934.
- FU-KIAU, Kia Bunseki-Lumanisa. N'kongo Ye Nza Yakun'zingidila, Nza Kongo. Le Mukongo et Le Monde qui l'entourait. Cosmogonie-Kongo. Office National de La Recherche et Developpement. Kinshasa. 1979.
- HEYWOOD, Linda (org) *Central Africans and Cultural Transformations in the American Diaspora*. Cambridge, Cambridge University press, 2002.
- HEYWOOD, Linda e THORNTON J. K. *Central African Creoles and the Foundation of the Americas, 1585-1660*. Cambridge, Cambridge University Press, 2007.
- a) HILTON, Anne. *The kingdom of Kongo*. Oxford University Press. 1985
- _____ Reviewed work: La symbolisation politique. Le 'prophetisme' Kongo au XVIIIeme siecle . *The Journal of African History*, Vol. 26, No. 4. Cambridge, Cambridge University Press, 1985, p. 439-439.
- LEVI-STRAUSS, Claude. *As estruturas elementares do parentesco*. Petrópolis, Vozes, 1982.
- _____ *O pensamento Selvagem*. São Paulo, Papirus, 2008
- MACGAFFEY, Wyatt. *Religion and Society in Central Africa: The Bakongo of Lower Zaire*. Chicago, Chicago Univ. Press, 1986.
- _____ Dialogues of the deaf: Europeans on the atlantic coast of Africa. In: SCHUARTZ, S. *Implicit Understandings. Observing, reporting, and reflecting on the encounters between Europeans and other peoples in the Early modern era*. Cambridge, Cambridge Univ. press, 1996.
- _____ The Religious Commissions of the Bakongo . *Man, New Serie*. Vol. 5, No. 1. Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland. *Man, New Series*, 1970, p. 27-38
- RANDLES, W.G.L. *L'ancien royaume du Kongo*, Paris, 1968.
- SAPEDE, Thiago C. Negócio e fé: missão católica e tráfico de escravos no reino do Kongo. 1777-1796.. In: Alexandre Vieira Ribeiro e Alexsander Lemos de Almeida Gebara. (Orgs). *Estudos africanos : múltiplas abordagens*. Niterói: Editora da UFF, 2013, v. 1, p. 270-287.
- _____, Agência ritual africana e a africanização do catolicismo no reino do Kongo pós-restauração. 1769-1795. In: *Temporalidades*, UFMG, Belo Horizonte Vol. 5 n. 1 (Jan./Abr. 2013). 167-185.
- SOUZA, Central Africans crucifixes. A study of symbolic translations. In: Jay A. Levenson. (Org.). *Encompassing the Globe. Portugal and the World in the 16th and 17th Centuries. Essays*. Washington DC, Smithsonian Institute, 2007, p. 97-100.
- _____ *Missionários e mestres na construção do catolicismo centro-africano, século XVII*. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História, ANPUH, São Paulo, 2011.
- THORNTON, John K. *The Kingdom of Kongo. Civil war and transition. 1641-1718*. Madison, Winsconsin Univ. press, 1983.
- _____ *The Kongolese Sant Anthony. Dona Beatriz Kimpa Vita and the Anthonian moviment, 1984-1706*. Cambridge, Cambridge University press. 1998.

_____ Elite women in the kingdom of Kongo: Historical perspectives on women's political power *Journal of African History*, 47, Cambridge University Press. 2006. p. 437–60.

_____ Early Kongo Portuguese relations: a new interpretation. *History in Africa*. V 8. New Jersey, African Studies Association, 1981, p. 183-204.

_____ The development of an African Catholic Church in the Kingdom of Kongo, 1491-1750. *The journal of African History*. Cambridge, Cambridge University Press, 1985, p. 147-167.

VAN WING, Joseph: *Etudes Bakongo*. s.l.e. Bruxelles, 1921.

VANSINA, Jan. *Kingdoms of the Savana*. Madison, Wisconsin University Press, 1966.

_____ *Oral Tradition as History*. Madison, Wisconsin University Press, 1985.

_____ Anthropologist and the third dimension. *Journal of the International African Institute*, Vol. 39, No. 1. 1969, p. 62-68.